

CEDI - P. I. B.
DATA 28 05 86
LOD APD 17

Apurina

APURINÃ: ÍNDIOS-SERINGUEIROS

ÍNDIO DESALDEADO

É ÍNDIO

SEMI-MORTO

Num recente levantamento feito pelo CIMI, a população indígena que habitava a região do médio e alto Igarapé Tumã, região do rio Purus, foi acrescida de 83 Apurinã. Somando-se estes dados populacionais aqueles referentes ao Igarapé Seruini, publicados pelo PORANTIM, em novembro de 79, eleva-se a cerca de 280 a população Apurinã da área. Apesar disso, a situação de subjugação e exploração a que está sujeito este grupo não constitui nenhuma novidade. Encontra-se sofrendo, juntamente com outros grupos, as injustiças e arbitrariedades que regem o sistema de extração da borracha.

Localizados no município de Pauini, médio Purus, os seringais estendem-se pelo vale do rio e por todas as regiões de extrativismo da borracha, principal e quase única atividade dessas áreas, onde a população indígena encontra-se dispersa em 29 seringais de "proprietários" particulares.

Esta dispersão se dá devido às próprias condições de precariedades, subjugação e desassistência em que são abandonadas tanto a população branca, quanto a indígena. É fruto do sistema extrativo que confina o seringueiro, separando-o por dias, às vezes, da colocação mais próxima. É como se encontram hoje os Apurinã e os Jamamadi absorvidos pelo modo de vida da população envolvente, no sistema de extração do látex.

Em função do sistema de

trabalho na borracha e pelo longo período de contato com o elemento branco, os indígenas encontram-se desaldeados, restando-lhes apenas as lembranças das histórias, contadas pelos avós, dos tempos das malocas.

Dispersa ao longo do Purus ou de igarapés confluentes do município de Pauini, a população é formada, em sua maioria, de famílias nucleares ou pequenos grupos, ainda assim restritos a laços de parentesco, sem maiores ligações entre si, todos vivendo segundo padrões civilizados.

Desconhecedores da separação geopolítica, os grupos dos Igarapés Seruini e Tumã habitam as terras localizadas nos municípios de Pauini e Lábrea, utilizando essas áreas encontrados ainda locais antigos de celebrações do povo Apurinã que hoje são utilizados para contatos de visita, comumente marcados tanto por festas aos moldes branco (festas em cima, como são chamadas) como por Xinganê.

Os Apurinã e os Jamamadi encontram-se descaracterizados como povos autoctones, social e politicamente desarticulados para se defenderem das diferenças e preconceitos que lhes são impostos. Diante disso, assumem uma identificação "civilizada" que, muitas vezes, mascara suas características próprias, enquanto transparecem aquelas que os identificam como seringueiros. (José Bonotto e Lino Oliveira).

PORANTIM nº 19 - Paulo
Pauini - 80